

Uma Ameaça Diferente

Reflexões sobre a

Guerra Irregular



Jeffrey B. White

Traduzido do *Studies in Intelligence, Central Intelligence Agency*,
Vol. 39, NO.5, 1996.

Um brinde a você fuzzy-wuzzy(), em sua casa no Sudão; és um pobre coitado, mas um combatente e tanto.*

Rudyard Kipling

OCIDENTAIS, com a sua tecnologia e organização superiores, estão há muito tempo sendo mortos por primitivos ou “selvagens” cujos estilos de guerra não têm sido compreendidos pelos primeiros e cujas habilidades excedem as do Ocidente em guerras irregulares. A guerra irregular é a mais antiga forma de guerra, um fenômeno que se conhece por muitos outros nomes, incluindo: guerra tribal; guerra primitiva; guerra pequena; e conflito de baixa intensidade. O termo “guerra irregular”, parece captar melhor a grande variedade das “guerras pequenas”. Essas guerras são uma praga em grande parte do mundo não ocidental e exigirão, cada vez mais, a atenção da comunidade de inteligência.

Estima-se que, desde a II Guerra Mundial, ocorreram mais de 80 conflitos irregulares. Estes incluem as guerras civis em Ruanda e na Somália; as guerras de guerrilha no Sudão e as rebeliões na Chechênia. Envolvem elementos irregulares combatendo outros elementos irregulares, forças regulares de um governo central ou uma força de intervenção externa.

A aquisição e o uso da tecnologia militar moderna é freqüentemente vista como uma solução aos problemas

das guerras do século XX, a guerra da informação sendo o exemplo mais recente. Porém, a guerra irregular continua, surpreendentemente, não afetada pelas mudanças na tecnologia. Em um conflito irregular, a sociologia, a psicologia e a história terão mais que dizer a respeito da natureza do conflito, inclusive sobre a sua persistência e intensidade.

Implicações para a Inteligência

Tradicionalmente, as maiores ameaças à segurança nacional dos EUA têm vindo de estados armados com tecnologia moderna e possuindo conceitos militares não muito diferentes daqueles dos EUA. Isso tem permitido à comunidade de inteligência concentrar-se sobre as forças de oponentes similares, tornando mais fácil o trabalho do analista. No entanto, a Comunidade tem estado menos preparada para conflitos que envolvem inimigos e aliados dissimilares. O estudo dos componentes tradicionais da análise das capacidades militares — ordem de batalha; doutrina; economia da defesa, etc. — serviram bem aos EUA na Guerra do Golfo mas não tão bem na Somália. A comunidade de inteligência tem de estudar estes fatores enquanto os EUA ainda tiverem que enfrentar ameaças convencionais, mas ela precisa poder lidar, com a mesma habilidade, com os diferentes tipos de ameaça representados pelas guerras irregulares.

O Ambiente Operacional

A guerra irregular existe em ambientes operacionais muito específicos, “microambientes” que precisam ser compreendidos por analistas de inteligência, comandan-

(*) do verso infantil sobre o ursinho “Fuzzy Wuzzy”, termo usado pelos britânicos para descrever os nativos combatentes do Sudão durante as campanhas de 1884-85 no Sudão Oriental.

tes militares e pelo processo decisório. Isso apresenta vários desafios.

Primeiro, estes ambientes operacionais consistem de um número de elementos, incluindo a geografia, a ecologia, a história, a etnicidade, a religião e a política. Estas não são áreas em que a comunidade de inteligência militar devota muita atenção.

Segundo, para a guerra irregular, estas áreas devem ser examinadas em detalhe e num contexto variado. As fundamentais são: a geografia local específica; a história; e a política. A história árabe é uma, a história do conflito cristão-druzo no Líbano é outra e o papel de famílias e de membros de famílias específicas é ainda outra. A coleta, análise e assimilação de informações nesse nível de detalhe é um grande desafio para os analistas de inteligência, para os que decidem a política e para os combatentes.

Mudanças na Geografia Política

A geografia deve ser vista em, pelo menos, três distintos contextos: político, cultural e físico. A geografia política, como ilustrada por Robert Kaplan em seu artigo “*The Coming Anarchy*”, é mutável. Kaplan afirma que

Os que se envolvem em conflitos tribais sem conhecer a sua história estão procurando problemas. Tem havido poucas situações com uma história mais complicada do que a do Líbano entre 1975 e 1982. O complexo inter-relacionamento das famílias, das tribos, da etnicidade e dos grupos religiosos foi complicado pelo envolvimento significativo dos palestinos, dos sírios e dos israelenses. Isto resultou em um “caldeirão de bruxas” de alianças mutantes e incertas, personagens suspeitos e de pura maldade.

boa parte da geografia política mundial encontra-se em risco devido ao final da Guerra Fria, ao colapso da União Soviética e ao declínio da ordem estabelecida em grande parte do Terceiro Mundo. Isto exige entender que existe a possibilidade de surgirem novas estruturas políticas *ad hoc* ou definitivas que organizem pessoas e espaços. Deve ficar claro que o reconhecimento desse fato não é automático.

Entre 1975-76 a comunidade analítica examinando o Líbano veementemente resistiu à noção de que o Líbano estava decaindo e que os processos políticos que haviam equilibrado o sistema haviam se desintegrado face a pressões internas e externas. Similarmente, a comunidade de inteligência percebeu, lenta e relutantemente, o colapso da União Soviética. Se Kaplan tem razão, mesmo apenas em parte, os mapas do Oriente Médio, da África e do

sudoeste asiático serão refeitos ainda durante a geração atual. Muito desse redesenhar será feito pelo que amplamente pode ser descrito como “tribos”.

Microambientes político-geográficos são ainda mais mutáveis e menos suscetíveis à análise que a geografia política nos níveis regional ou estatal. No seu “*The Seven Pillars of Wisdom*” (Os Sete Pilares da Sabedoria), T.E. Lawrence descreve o microambiente político-geográfico da Síria enquanto planejava os estágios finais da revolta árabe:

A natureza havia...dividido o país em regiões. Os homens, elaborando a natureza, haviam dado a seus compartimentos uma complexidade adicional. Cada uma das divisões principais em sentido norte-sul estava cruzada e separada artificialmente em comunidades em conflito. Tínhamos que reuni-los com nossas mãos para a ação ofensiva contra os turcos. As oportunidades e dificuldades de Feisal encontravam-se nessas complicações políticas da Síria, que mentalmente alinhávamos em ordem, como um mapa social.

Em um microambiente político-geográfico como no Líbano, na Somália ou no Curdistão, a compreensão é evasiva. Mudanças em padrões familiares, tribais, religiosos, econômicos e relacionamentos militares, somadas a geografias específicas, produzem um ambiente analítico complexo, dinâmico e incerto — que provavelmente tornará cautelosos os analistas de inteligência e vulneráveis e desconfortáveis os comandantes e estrategistas políticos.

Aspectos Culturais e Físicos

A geografia cultural também precisa ser compreendida no sentido micro. A geografia de pequenas áreas torna-se importante no contexto tribal. Quem são os membros da tribo? Onde estão? O que fazem? Como vivem? Como são suas cidades e casas? Estas são perguntas importantes, à medida que são planejadas e executadas as operações americanas.

A geografia microfísica é relativa à área muito específica onde as operações irão ocorrer. Como é, exatamente, o terreno? Como é afetado pelas diferentes condições atmosféricas? Que tipos de forças podem operar nele com mais eficiência? Que vantagens e desvantagens apresenta aos combatentes? O que constitui um acidente capital do terreno neste ambiente em particular? A guerra irregular ocorre com frequência em terrenos remotos, áridos e difíceis, que podem restringir as operações de forças modernas, limitando a sua mobilidade e reduzindo as suas vantagens tecnológicas.

As geografias de Beirute, de Shuf e de Mogadishu eram todas fundamentais para o sucesso ou fracasso das políticas americanas e das operações no Líbano e na Somália. Analistas de inteligência, operadores e estrategistas de política, todos precisam de respostas muito específicas a questões de microgeografia.



Departamento de Defesa

Integrantes do Corpo de Infantaria da Marinha dos EUA em Mogadishu buscando confiscar armas das forças do General Mohamed Farah Aideed.

Um Assunto Emergente

A ecologia não é normalmente considerada um assunto para a comunidade de inteligência militar, mas pode ser um elemento-chave de advertência a longo prazo. Como esclarece Kaplan, a desintegração de sistemas políticos ou uma crise humanitária podem ser prognosticadas pela informação e análise ecológica:

É tempo que entendamos “o ambiente” pelo que é: o principal assunto de segurança nacional do início do século XXI. O impacto político e estratégico do crescimento populacional, da propagação de doenças, do desflorestamento e da erosão do solo, da falta de água, da poluição, da possibilidade de elevação do nível do mar em áreas críticas e superlotadas como o Delta do Nilo e Bangladesh — o que provocaria migrações em massa e, conseqüentemente, conflitos entre grupos — serão o desafio central da política externa, da qual muitos outros eventualmente surgirão, inquietando o público e unindo interesses diversos que sobraram da Guerra Fria.

Embora os problemas ecológicos não sejam exclusivos do Terceiro Mundo, é lá onde se espera os maiores aumentos de população, onde os governos centrais são mais fracos e onde o tribalismo é excessivo.

A Importância da História

Os que se envolvem em conflitos tribais sem conhecer a sua história estão procurando problemas. Tem havido poucas situações com uma história mais complicada do que a do Líbano entre 1975 e 1982. O complexo inter-

A religião é uma força poderosa na guerra tribal e pode reforçar a etnicidade tornando um conflito ainda mais intratável e cruel. Como a etnicidade, a religião não é um guia simples do conflito tribal. Muçulmanos têm combatido muçulmanos e cristãos têm combatido cristãos. No Líbano, formaram-se alianças inter-religiosas: os cristãos seguidores do presidente Sulayman Franjiyah se alinham com os muçulmanos sírios contra os seus co-religiosos.

relacionamento das famílias, das tribos, da etnicidade e dos grupos religiosos foi complicado pelo envolvimento significativo dos palestinos, dos sírios e dos israelenses. Isto resultou em um “caldeirão de bruxas” de alianças mutantes e incertas, personagens suspeitos e de pura

maldade. Sem conhecer a história dos Gemayels, dos Jumblatts e dos Asads envolvidos, os analistas e os estrategistas do processo decisório não podiam esperar entender o que estava acontecendo.

Fatores Étnicos e Religiosos

A etnicidade é um elemento poderoso da guerra irregular. Conflitos étnicos na Libéria, em Ruanda, no Burundi e em outras partes da África, têm resultado em perdas desastrosas econômicas e em vidas humanas. A designação por etnicidade é geralmente suficiente para determinar onde um dado grupo ou tribo se alinhará em um conflito, determinando bases de recrutamento e moldando alinhamentos políticos, alianças e outros atributos básicos

Os historiadores militares ocidentais vêem o desenvolvimento da guerra organizada, que começou há uns 6.000 anos, como um evento marcante. Dos primeiros estados do Crescente Fértil surgiram os primeiros exércitos organizados. Já no terceiro milênio a.C., alguns destes eram forças armadas combinadas permanentes com organização e articulação claras. Desde que as forças passaram a se organizar, a ordem de batalha tem sido um assunto de grande interesse para os analistas militares, que acreditam que melhor organização garante uma melhor eficiência.

do conflito. Conflitos irregulares, porém, não ocorrem necessariamente ao longo de linhas étnicas; nem todas as guerras irregulares serão conflitos étnicos.

No Curdistão, há uma luta constante dentro da população curda, baseada em lealdades tribais e de família. Ao mesmo tempo, os curdos se encontram engajados em uma luta, com base na etnicidade, contra os governos do Iraque e da Turquia. Similarmente, na Somália, uma população homogeneamente étnica se engajou num conflito intertribal e interclã amargo, fazendo tanto aliados como inimigos entre as forças de intervenção externas. Os EUA tomaram partido quando se envolveram nesse conflito, uma ação arriscada numa situação na qual tinham poucos trunfos.

A religião é uma força poderosa na guerra tribal e pode reforçar a etnicidade tornando um conflito ainda mais intratável e cruel. Como a etnicidade, a religião não é um guia simples do conflito tribal. Muçulmanos têm combatido muçulmanos e cristãos têm combatido cristãos. No Líbano, formaram-se alianças inter-religiosas: os cristãos seguidores do presidente Sulayman Franjjiyah se alinharam com os muçulmanos sírios contra os seus co-religiosos.

O ditado popular “toda política é política local” é importante para compreender os conflitos irregulares. A política do partido Falange no Líbano era, e é, geralmente, a política dos seguidores de Gemayel. A Falange é uma expressão política de um grupo tribal dentro do centro cristão no Líbano. Este é um fenômeno comum no Terceiro Mundo. O “partido” de Aidede na Somália era nada mais que uma expressão do seu clã e de seus aliados.

Nestas situações, conceitos políticos generalizados como o socialismo, a democracia e o nacionalismo podem não ter sentido verdadeiro. Considerar o “partido socialista” de Walid Jumblatt no Líbano como representando uma expressão do socialismo era interpretar erroneamente a sua motivação, o seu papel e as suas intenções. O verdadeiro interesse de Jumblatt era o de promover os interesses de sua “tribo”, a comunidade drusa.

A guerra tribal é uma extensão das políticas tribais. Estas são, inevitavelmente, as políticas da rixa, da traição, de velhas dívidas e de estreitas vantagens econômicas. Enquanto Israel e Síria se envolviam num “grande jogo” no Líbano — os EUA vendo as ações sírias com lentes da Guerra Fria — os libaneses estavam envolvidos num “pequeno jogo”. Os seguidores de Chamoun, Gemayel e Franjjiyah se matavam entre si para acerto de contas, cristãos combatiam cristãos para controlar empreendimentos econômicos em Beirute e os drusos e cristãos invadiam o território um dos outros e defendiam o seu, num padrão totalmente libanês, antiquíssimo e incompreensível para estrangeiros. Eram inimigos perigosos e aliados ineficazes. No Líbano, no início dos anos 80, todos os fatores do microambiente produziram uma situação que mal podia ser percebida por observadores externos, incluindo os analistas de inteligência. A ambigüidade da situação contribuiu para que se cometessem sérios erros de política. Os EUA decidiram apoiar um “governo” dominados por cristãos e as forças armadas, que não mais refletiam a distribuição do poder no país. Com pouca compreensão da história e da cultura libanesas, os EUA foram, até certo ponto, cativados pelos cristãos que falavam inglês e eram vistos como “ocidentais” na aparência e no estilo. Era fácil ver os seus inimigos como sendo nossos inimigos.

CONTRASTANTES DIMENSÕES DE GUERRA

Moderna

Organizada
Tecnologia avançada
Dependente da logística
Direção nacional
Doutrina coerente
Batalha decisiva
Soldado
Aliados
Segregação

Irregular

Informal
Tecnologia disponível
Não dependente da logística
Direção local
Doutrina de última hora
Combates e incursões
Guerreiro
Cúmplices
Integração



Departamento de Defesa

Um acampamento de refugiados curdos em Yekmel, no Iraque, durante a Operação Provide Comfort, um esforço aliado para apoiar os curdos que fugiram das forças de Saddam Hussein.

Os israelenses caíram no mesmo erro e os dois países pagaram caro por isso. No final, os “vencedores” no Líbano foram os sírios que compreenderam no que se haviam envolvido e estavam preparados para agüentar o tempo que fosse necessário.

A Guerra Moderna e Irregular

Dos elementos do ambiente operacional e dos micro-ambientes produzidos, surge uma forma de guerra que é mais difusa e muito diferente da guerra moderna convencional. Existem muitas dimensões em que as guerras irregulares diferem das modernas. Podem ser identificadas pelo menos nove:

Organização

A primeira dimensão é a organização. Os historiadores militares ocidentais vêem o desenvolvimento da guerra organizada, que começou há uns 6.000 anos, como um evento marcante. Dos primeiros estados do Crescente Fértil surgiram os primeiros exércitos organizados. Já no terceiro milênio a.C., alguns destes eram forças armadas combinadas permanentes com organização e articulação claras. Desde que as forças passaram a se organizar, a ordem de batalha tem sido um assunto de grande interesse para os analistas militares, que acreditam que melhor organização garante uma melhor eficiência.

As forças tribais geralmente são pobremente organizadas, sua ordem de batalha é informal e geralmente sem desdobramentos estratégicos. “Unidades” irregulares provavelmente refletem uma tribo ou clã ligados a

As forças irregulares são substancialmente menos limitadas por fatores logísticos. A sua necessidade de comida e munição é mais simples e elas normalmente não se deslocam a grande distâncias. Recebem apoio das populações locais. Grande parte do seu armamento é facilmente transportado e elas geralmente desenvolvem sua própria capacidade para reparar e prestar serviço às viaturas e armas simples. Estes fatores logísticos reduzem a vulnerabilidade dos irregulares a estratégias contra a logística.

uma geografia específica e a uma estrutura tradicional de liderança. A milícia drusa no Líbano e as forças baseadas nos clãs na Somália são exemplos recentes de “exércitos” irregulares. Embora nenhum dos dois fosse

capaz de um combate convencional com um exército ocidental, os drusos derrotaram a milícia cristã libanesa e unidades regulares do Exército do Líbano; os somalianos em Mogadishu deram muito trabalho às forças dos EUA e da ONU.

Tecnologia

Os analistas militares ocidentais estão certos em concentrar bastante atenção sobre a tecnologia, como uma força principal da guerra. Porém, em pequenas guerras, o nível de tecnologia pode não ser o fator mais importante. A guerra irregular envolve o uso do que é possível se obter por meio da compra, do roubo, da captura ou da fabricação local. As forças tribais se especializam em incursões, escaramuças e emboscadas onde o fuzil de assalto, a metralhadora, o morteiro e as minas são as armas básicas. Embora algumas forças tribais tenham carros de combate e artilharia de campanha, a maioria depende de armas individuais e de armas coletivas leves.

Soldados e guerreiros não são iguais. O soldado moderno é produto de um sistema que o tira de uma vida "normal" e o torna um profissional disciplinado e responsável no uso da força letal. Ele responde a uma cadeia de comando clara e se espera que obedeça às ordens que receberá de seus superiores, todos agindo para cumprir os objetivos do estado.

Logística

Todos os exércitos convencionais levam consigo o peso do seu sistema logístico. Forças pesadas mecanizadas consomem enormes quantidades de combustível, munição, derivados de petróleo e peças de reposição. Este sistema dificulta a mobilidade e a flexibilidade operacional e cria vulnerabilidades exploráveis.

As forças irregulares são substancialmente menos limitadas por fatores logísticos. A sua necessidade de comida e munição é mais simples e elas normalmente não se deslocam a grandes distâncias. Recebem apoio das populações locais. Grande parte do seu armamento é facilmente transportado e elas geralmente desenvolvem sua própria capacidade para reparar e prestar serviço às viaturas e armas simples. Estes fatores logísticos reduzem a vulnerabilidade dos irregulares a estratégias contra a logística. Não existem rodovias ou redes de estradas para atacar, nem depósitos de munições para bombardear ou pontes para serem derrubadas. É também difícil separar os irregulares de suas armas e encontrar seus depósitos de armas quando estes se encontram em meio à população.

Direção

A guerra moderna convencional é, essencialmente, de estado contra estado. Esta orientação e direção centralizada de recursos provê a organização, tecnologia e pessoal necessários. Sistemas avançados são usados para o comando e controle das forças do estado. As guerras tribais, porém, são guerras pequenas, sob direção da liderança local por motivos, talvez, pessoais. Adivinhar os motivos é difícil porque os valores, objetivos, estratégias e táticas são baseados em fatores obscuros, idiossincráticos e remotos (em tempo e local).

Os líderes locais usam sistemas de comunicação simples a curtas distâncias. Telefones, aparelhos de comunicação portáteis e mensageiros podem prover uma rede eficaz de comunicações para operações locais. Na batalha para capturar Aideed, os somalianos deslocam-se quase que sem comando para a área de combate. Os russos experimentaram o mesmo fenômeno em Grozny. Para os irregulares, guiarem-se pelo som dos fuzis pode ser tão eficiente quanto qualquer sistema de comando e controle moderno.

Doutrina

Uma característica das organizações militares modernas é o desenvolvimento de uma doutrina clara para os níveis estratégico, operacional e tático da guerra. A doutrina estabelece qual o motivo das forças combaterem; como serão providas de recursos; como serão organizadas e desdobradas; quais armas usarão; e como combaterão.

As forças irregulares não tem uma doutrina bem articulada. Estão acostumadas a combater em seu próprio território, têm muita familiaridade com as suas armas e podem ser bastante capazes no nível tático. Alguns líderes e homens podem ter recebido treinamento básico no Ocidente ou no Oriente; grande parte do seu conhecimento é local.

A falta de uma doutrina clara torna difícil para as forças modernas compreenderem os seus oponentes irregulares e os seus aliados em potencial. Também torna fácil subestimá-los. Saber de que forma lutam os guerreiros tribais pode custar caro, se esse conhecimento tiver que ser obtido da experiência.

Batalha Decisiva

De Maratona até a operação *Desert Storm*, o objetivo do Ocidente, com relação à guerra, tem sido engajar o inimigo e derrotá-lo o quanto antes, com um mínimo de baixas entre as forças amigas. É a guerra dos ricos e poderosos, aqueles que podem investir no tipo de tecnologia e forças necessárias para uma vitória rápida. As forças tribais evitam as operações de abrangência, duração e intensidade prolongadas. Entram e saem dos contatos conforme determinação de sua liderança ou em

resposta a ameaças. Sua história e cultura forneceram-lhes a experiência e legitimidade para este tipo de guerra, enquanto que as suas armas, e a habilidade de usá-las, as tornam eficazes no combate.

Em um conflito localizado, a mobilidade estratégica e operacional talvez não signifique muito. A mobilidade tática poderá ser mais importante. As forças tribais são frequentemente peritas em manobrar em seu próprio território. Em Mogadishu, as forças ocidentais tiveram que marchar em comboios escoltados por viaturas blindadas ao longo de certos corredores; até o movimento por helicóptero podia ser perigoso.

Soldados e Guerreiros

Os exércitos modernos desenvolvem a coesão, a disciplina e o profissionalismo mediante um processo deliberado de treinamento e adestramento. Este processo produz excelentes soldados e unidades. Em forças irregulares, funciona um processo mais natural, produzindo, pelo menos em alguns casos, resultados similares. Uma das forças mais coesas de todos os tempos, a Falange das cidades-estados da Grécia, devia a sua formidável coesão e disciplina de batalha ao fato de ser constituída por homens que se conheciam muito bem. A coesão e a disciplina de batalha do Exército do norte da Virgínia eram baseadas num padrão similar de recrutamento local. As forças tribais são recrutadas neste mesmo tipo de base.

Soldados e guerreiros não são iguais. O soldado moderno é produto de um sistema que o tira de uma vida “normal” e o torna um profissional disciplinado e responsável no uso da força letal. Ele responde a uma cadeia de comando clara e se espera que obedeça às ordens que receberá de seus superiores, todos agindo para cumprir os objetivos do estado.

O guerreiro, por outro lado, não é recrutado dentre a parte civil da sociedade para fazer parte de algo diferente. O seu papel de guerreiro faz parte normal de sua sociedade. As suas armas e habilidades surgem do que se encontra disponível na sua tribo. O seu conhecimento de guerra provavelmente limita-se, em grande parte, ao que existe em sua sociedade. Ele opera dentro de uma organização menos rígida, com um sistema de disciplina mais relaxado. O guerreiro vive em meio à sua terra e seu povo. Sob circunstâncias e comando ideais, ele pode ser tão eficaz quanto um profissional moderno.

Os líderes guerreiros também diferem de maneira significativa dos líderes de exércitos modernos. Apesar de, possivelmente, não terem muita educação e adestramento militares formais, podem ter bastante experiência em combate no nível pequena unidade. Conhecem os seus homens e compreendem as suas necessidades sociais e psicológicas. A sua liderança militar pode ser reforçada pelos seus papéis políticos ou religiosos.

Aliados e Cúmplices

A guerra de coalizão tem-se tornado comum e os EUA raramente esperam lutar sozinhos. Isso faz necessário que compreendamos os nossos aliados em potencial, pelo menos tanto quanto compreendemos os nossos inimigos. A sorte do general britânico Allenby na Palestina foi ter T.E. Lawrence e a sabedoria de usá-lo para lidar com os seus excêntricos aliados árabes. Similarmente, um dos sucessos das operações *Desert Shield/Desert Storm* foi o gerenciamento de uma coalizão militar diversa. Estes exemplos salientam o fato de que um relacionamento benéfico com um aliado não deve ser presumido como certo quando nos envolvemos num conflito ou numa operação de não guerra. Isso é também verdade quando nos envolvemos num conflito tribal, onde o termo “cúmplice” pode ser mais acertado que “aliado”.

Em algumas situações, aliar-se a um partido local inclui certos perigos. Por exemplo, a força de intervenção pode sentir empatia pela motivação dos locais. Esses compreendem melhor a situação e são capazes de ações

Um conflito prolongado geralmente favorecerá as forças locais. Provará ser difícil separar os combatentes da população civil já que tanto os homens como as mulheres, as crianças e os anciões, podem ser combatentes em potencial. Onde o conflito tem uma longa história e faz parte de uma cultura guerreira, haverá uma profusão de armas leves e tê-las será visto como necessário e correto. Conseqüentemente, desarmar os combatentes será difícil.

e de mudanças de políticas abruptas que transtornam os objetivos e as sensibilidades dos estrangeiros.

O processo de aliar-se a um partido nativo num conflito pode acontecer acidentalmente, ou pelo menos sem ter passado por um processo decisório claro. A aliança com os cristãos no Líbano ou com uma das facções na Somália foi perigosa. Nestes casos, o risco é de nos tornarmos “cúmplices” dos locais, pelo menos aos olhos das facções da oposição. Um cúmplice pode se tornar rapidamente um alvo. Um forasteiro pode ser rapidamente descartado dos interesses dos locais. Nestas situações incertas, fica difícil para os elementos estrangeiros entenderem o trabalho dos seus aliados.

Segregação e Integração

A última dimensão da variação entre a guerra moderna e a irregular refere-se ao relacionamento das guerras e das forças envolvidas nelas com as suas sociedades. A guerra convencional moderna pode ser vista como segregada

da sociedade, no sentido que as forças são retiradas da sociedade e enviadas a uma “frente” ou a um “teatro” para conduzirem a guerra que, em geral, será de duração limitada. Em muitas guerras pequenas, as forças são inseparáveis da sociedade. Um conflito pode continuar durante gerações e se tornar uma rotina da sociedade. Isto tem claras implicações para os elementos externos que entram no conflito para resolvê-lo, separar as partes combatentes, apoiar um dos partidos ou para lidar com assuntos humanitários.

Um conflito prolongado geralmente favorecerá as forças locais. Provará ser difícil separar os combatentes da população civil já que tanto os homens como as mulheres, as crianças e os anciões, podem ser combatentes em potencial.

Uma tentativa, sob a direção do então J2, no início da crise de 1992-93 na Somália, para aplicar as mesmas técnicas usadas para determinar a ordem de batalha iraquiana (os assim chamados gráficos de bolhas) provou ser, praticamente, inútil. As forças somalianas simplesmente não se encaixavam nas técnicas padronizadas da ordem de batalha; porém, com o passar do tempo, uma imagem razoavelmente confiável da “ordem de batalha” das facções foi criada.

Onde o conflito tem uma longa história e faz parte de uma cultura guerreira, haverá uma profusão de armas leves e tê-las será visto como necessário e correto. Consequentemente, desarmar os combatentes será difícil.

Operações no Líbano, na Somália e em outras partes têm demonstrado o quão difícil é para uma força externa exercer mais que um efeito passageiro num conflito profundamente arraigado em uma sociedade. Os que entram em tais conflitos devem esperar um mínimo de resultados positivos e um máximo de dificuldades. Quanto maiores e mais abrangentes os objetivos, maiores as perspectivas para a frustração e a derrota.

O Equilíbrio

As forças ocidentais que se envolvem num conflito tribal encaram uma forma assimétrica de guerra. Elas têm a vantagem de um enorme poder de fogo, excelente estratégia e mobilidade operacional, disciplina de profissionais, apoio logístico maciço e estruturas eficazes para dirigir e controlar as operações. Em um combate em terreno aberto, podem facilmente derrotar as forças tribais. Mas os seus oponentes tribais também têm as suas vantagens. Como “donos do terreno”, não tem as mesmas preocupações com o tempo. Não procuram a

batalha decisiva e preferem o engajamento em incursões, ataques e emboscadas. Isto minimiza as suas baixas enquanto causa algumas nas forças ocidentais, que têm aversão às mesmas. Para os soldados modernos, isso é frustrante. Mas não é nada novo — os gregos e os romanos tiveram as mesmas experiências contra os seus oponentes bárbaros.

Tudo isso sugere que um estilo de guerra não é objetivamente superior ao outro. Quando forças irregulares são confrontadas em seu próprio terreno, a superioridade das forças modernas e o seu estilo de combate não podem ser presumidos. Rudyard Kipling resumiu em poucas linhas as complexidades e os riscos da participação em um conflito tribal:

Quando você for ferido e deixado nas planícies do Afeganistão, e as mulheres chegarem para acabar com o que sobrou, role para junto do seu fuzil e dê um tiro na cabeça. Assim, encaminhe-se para seu Deus como um soldado.

Considerações de Inteligência

As consideráveis diferenças entre a guerra moderna e a irregular levam, logicamente, a diferenças nas abordagens apropriadas da inteligência. A história do combate, a sua geografia específica, a sua estrutura tribal ou de clã, os seus líderes e os seus papéis e relacionamentos, a natureza e as capacidades dos seus guerreiros, como estes se desenvolvem e são apoiados pela sociedade e a tradição guerreira são elementos essenciais de informação para o analista de inteligência, assim como para o estrategista político e para o comandante.

Compreender o microambiente do conflito exige um profundo entendimento da sociedade na qual ele ocorre. Na inteligência da defesa, a perícia nesse nível é normalmente encontrada nos oficiais de ligação, nos especialistas na área de serviço exterior e nos analistas regionais civis experientes. Até mesmo compreender os elementos puramente militares de uma pequena guerra exige um entendimento especial. Os elementos tradicionais da análise militar têm que ser examinados de forma distinta. Isto exige a capacidade de se deixar de lado os modelos de guerra ocidentais ou modernos para se concentrar naqueles que são consideravelmente mais primitivos e menos dependentes da tecnologia.

A ordem de batalha das forças irregulares não se assemelha à rigidez das forças modernas. As unidades diferem em tamanho e estrutura de tribo para tribo e de tempo em tempo. Isto torna difícil determinar com confiabilidade como são as forças inimigas e como estão desdobradas. Até mesmo o conceito do desdobramento perde significado quando as forças são tão integradas às suas sociedades.

Uma tentativa, sob a direção do então J2, no início da crise de 1992-93 na Somália, para aplicar as mesmas



O General H. Norman Schwarzkopf, Comandante-em-Chefe do Comando Central dos EUA e o General de Divisão Khalid Bin Sultan Bin Abdul Aziz, Comandante das Forças Conjuntas na Arábia Saudita, sentados frente a um interprete e aos Generais de Divisão Mohammed Abdež Rahmān Al-Dagitistani e Sabin Abdel-Aziz Al Douri para discutir as condições do cessar-fogo durante a Operação Desert Storm.

técnicas usadas para determinar a ordem de batalha iraquiana (os assim chamados gráficos de bolhas) provou ser, praticamente, inútil. As forças somalianas simplesmente não se encaixavam nas técnicas padronizadas da ordem de batalha; porém, com o passar do tempo, uma imagem razoavelmente confiável da “ordem de batalha” das facções foi criada. Igualmente, bancos de dados e aplicações para planos de desenvolvimentos avançados (*advance development plan — ADP*) têm que ser desenvolvidas para se encaixarem às forças irregulares. Ferramentas de *ADP*, tais como as criadas para o Pacto de Varsóvia, só podem ser aplicadas a situações como as da Ruanda e da Somália, com dificuldade.

Similarmente, a doutrina das forças tribais não existe em um sentido formal. Existem formas tradicionais de guerra, algumas formas de combate aprendidas ou experimentadas que devem ser buscadas na história do conflito e de seus participantes. Isso exige um investimento de tempo por parte dos analistas e seus supervisores devem dar-lhes esse tempo.

As armas usadas também devem ser vistas em termos relativos ao conflito atual. Têm essas armas servido às necessidades dos combatentes no passado? São suficientemente úteis? Dado o ambiente operacional, podem

essas armas ser usadas com eficiência contra uma força moderna? Serão as armas da força moderna potencialmente eficazes no ambiente operacional específico?

Um equilíbrio apropriado entre os especialistas e os generalistas não é fácil de se alcançar. Como disse Napoleão, a melhor estratégia é a de ser forte em tudo, mas essa é uma estratégia para os que são ricos em recursos. No atual e previsto ambiente de recursos, a gerência deve determinar o equilíbrio. Poderia receber o apoio de um melhor sistema de previsão e de uma capacidade de alerta de longo prazo que permitisse a transferência apropriada de recursos a tempo de desenvolver a perícia analítica e a de coleta.

Quais as vantagens que oferecem? De que maneira irão as restrições da política, das regras de engajamento, do terreno e da integração do inimigo em sua sociedade limitar o uso da tecnologia moderna? Abordar estas dúvidas

e responder aos tipos de perguntas aqui feitas provê uma análise mais sutil das capacidades das forças modernas e irregulares. O que é necessário é maior atenção e sensibilidade e mais flexibilidade para com as formas irregulares de guerra. Exige da Comunidade preservar a perícia que tem nas áreas onde a guerra irregular já existe ou onde vai existir, e o desenvolvimento de novas capacidades e das pessoas para usá-las neste tipo de guerra.

Especialistas e Generalistas

Deve haver uma base de peritos em guerras tribais ao redor da qual orbitem os generalistas e os novatos inexperientes. A Comunidade tem que investir em especialistas. Nenhum comandante quer se envolver numa operação com apenas o conhecimento geral da situação. Nem deve fazê-lo um oficial de inteligência. Toda crise, no final das contas, sempre depende de um punhado de peritos reconhecidos que fornecem a informação-chave aos elementos do processo decisório. Os generalistas fazem as coisas mais generalizadas e os peritos providenciam o que é necessário para o processo decisório e para os combatentes.

Um equilíbrio apropriado entre os especialistas e os generalistas não é fácil de se alcançar. Como disse Napoleão, a melhor estratégia é a de ser forte em tudo, mas essa é uma estratégia para os que são ricos em recursos. No atual e previsto ambiente de recursos, a gerência deve determinar o equilíbrio. Poderia receber o apoio de um melhor sistema de previsão e de uma capacidade de alerta de longo prazo que permitisse a transferência apropriada de recursos a tempo de desenvolver a perícia analítica e a de coleta. A Comunidade precisa focar mais atenção na área das previsões, mais que nada por estes motivos.

Necessidades de Coleta

Existem também implicações substanciais para a coleta de inteligência. O sistema de coleta tem sido otimizado para obter informações sobre as forças militares modernas, não as que se encontram envolvidas em conflitos irregulares. Isto foi, e é necessário, já que ainda existem muitos inimigos modernos em potencial. Mas isso deixou a Comunidade menos capaz de providenciar o necessário para pequenas guerras. Este é o caso tanto quanto ao tipo de informações coletadas como quanto às prioridades relativas sob as quais ocorrem as coletas. A constelação de sistemas no espaço e outros meios técnicos nacionais são úteis para identificar locais, números e dados técnicos. Mas esses tipos de dados são mais difíceis de detectar, ou menos importantes, em um conflito irregular, além de existirem certos tipos de informações importantes

que não podem ser determinadas pela coleta técnica sofisticada. O que se requer é a inteligência humana que pode desenvolver o microambiente do conflito e os seus aspectos militares. Oficiais de ligação, de embaixadas e coletadores de inteligência humana, sensíveis ao ambiente operacional local e às suas dimensões militares, podem ajudar a satisfazer essa demanda.

Quando fomos à Somália em dezembro de 1992, tínhamos um banco de dados baseado em uma única fonte sobre as forças militares locais. Nossa tentativa de usar os meios padronizados de coleta e estratégias foi bem-sucedida apenas em parte porque esses meios convencionais não podiam nos dar o tipo de informações específicas que necessitávamos. Não havia divisões de carros de combate ou de fuzileiros motorizados somalianos, nenhum sistema de defesa aérea, nenhuma marinha e nenhuma força aérea. Os somalianos tinham alguns caminhões e jipes com armas coletivas e alguns blindados. Era necessário alguém para localizá-los e contá-los em terra e para descobrir se funcionavam. Eventualmente, recebemos essa informação e ainda melhor inteligência sobre as capacidades das forças do clã das unidades das Forças Especiais dos EUA.

A questão sobre as prioridades de coleta também deve ser considerada. Como achar o equilíbrio entre a coleta nas áreas operacionais mais prováveis e as que contêm a ameaça em potencial mais séria? Recebe mais ênfase a África ou a China? Quando? Quando é movido o aparato de coleta para adquirir a informação que os analistas precisam para responder às necessidades dos seus clientes? Alguns argumentarão, justificadamente, que fontes abertas são pelos menos parte da solução. No final das contas, o objetivo da comunidade deveria ser compreender a guerra irregular no nível procurado por T.E. Lawrence:

Quando eu tomava uma decisão, ou adotava alguma alternativa, era depois de ter estudado cada fator... relevante. A geografia, a estrutura tribal, a religião, os costumes sociais, o idioma, os apetites, e padrões — todos estavam ao meu alcance. Conhecia o inimigo quase tanto quanto conhecia o meu próprio lado. MR

Referências

Ver Ralph Peters, "The New Warrior Class" (Revista *Parameters*, volume 24, número 2, verão de 1994, pp. 16-25) para uma discussão detalhada de guerreiros e das implicações para os militares dos EUA.

Jeffrey B. White é Chefe do departamento de Avaliações Militares Regionais (Regional Military Assessments) da Agência de Inteligência da Defesa (Defense Intelligence Agency).